Capítulo X — O Messias preparado

Deus acaba de empregar mais de quinhentos anos em dar, pelo órgão dos Profetas, o sinal completo do Messias. O lugar de seu nascimento, o tempo de sua vinda, o pormenor de suas ações estão preditos. Que resta? Quando um poderoso monarca, ternamente amado por seu povo, deve fazer sua entrada na capital de seu reino, apressam-se a aplainar-lhe os caminhos; abrem-se-lhe todas as portas; preparam-se todos os espíritos para recebê-lo.

Do mesmo modo, devendo o Verbo eterno, o Rei imortal dos séculos, o Desejado das nações, fazer em breve sua entrada no mundo, Deus, seu Pai, lhe aplaina todos os caminhos, lhe abre todas as portas, prepara os espíritos para recebê-lo e faz concorrerem todos os acontecimentos para o estabelecimento de seu reino eterno. Preparação espantosa de grandeza e de majestade! que começa a ser sensível na vocação de Abraão, mas que se torna evidente quinhentos anos antes da chegada do grande Rei.

Com o olho fixo nas profecias e nas promessas, vemos claramente que todos os acontecimentos anteriores ao Messias, entre os judeus e entre os gentios, concorrem, cada um a seu modo, para preparar o reino do Desejado das nações, por quem e para quem foram feitos os séculos e os povos. Com esse facho na mão, a história já não tem obscuridade para nós: tudo se explica, tudo se encadeia. Como as engrenagens inferiores de um vasto mecanismo, os mais pequenos fatos nos dão sua razão de ser, e tocamos com o dedo o lugar que cada um ocupa no plano geral da Providência.

Ora, vimo-lo, nos conselhos de Deus o Messias nascerá do povo judeu, da família de Davi, na pequena cidade de Belém de Judá. E eis que, dois mil anos antes do acontecimento, o grande Deus, cujo olhar abrange todos os séculos, toma Abraão pela mão e, do fundo da Mesopotâmia, conduz-lo à Judeia, chamada então terra de Canaã, e lhe ordena que ali se fixe. Apesar de todas as vicissitudes, ele mesmo saberá mantê-lo ali. É com esse fim que o vemos, quatrocentos anos mais tarde, remover o céu e a terra para tirar do Egito os descendentes do patriarca e reconduzi-los à terra prometida a seus pais. É por isso que dispersa as sete poderosas nações que a possuem e que retém ali invariavelmente seu povo durante mil e quinhentos anos, apesar dos crimes desse povo e dos esforços sem cessar renascentes das nações vizinhas. É por isso que, ao lado de tantas cidades importantes, queimadas e aniquiladas durante essas guerras contínuas, a pequena cidade de Belém é conservada, que cabe em partilha à tribo de Judá e se torna a herança da família de Davi, da qual o Messias devia sair.

E não é tudo: depositário da promessa do Messias, único tesouro do gênero humano, o povo judeu deve conservar inviolado esse precioso depósito. Daí essas leis, esses regulamentos, essas práticas

sem número, essas ameaças terríveis, essas promessas magníficas, todo esse conjunto de prescrições religiosas e políticas que o isolam das outras nações e formam em torno dele como uma muralha intransponível à invasão do erro. Daí ainda essa arca da aliança, formidável monumento da presença contínua e sensível de Deus no meio de Israel.

Se, apesar de tudo isso, esse povo vier a cair na idolatria, é preciso que nela não persevere e que seja, por mil meios, reconduzido ao culto do verdadeiro Deus. Daí essa alternância contínua de glória e de humilhação, de castigos e de prosperidades, de derrotas sangrentas e de servidões vergonhosas, de cativeiro e de regresso que forma a trama geral de sua história. Daí, em particular, a criação dos quatro grandes impérios preditos por Daniel: o dos assírios, o dos persas, o dos gregos e o dos romanos.

Castigar o povo judeu todas as vezes que, entregando-se à idolatria, esquecer sua missão providencial e, por golpes salutares, forçá-lo, como a contragosto, a guardar fielmente o depósito que lhe é confiado: tal é o fim da grande monarquia dos assírios. Assur, diz o Senhor pela boca de Isaías, é a vara de meu furor; fiz de sua mão o instrumento de minha ira. Mas, acrescenta o Profeta, quando o Senhor houver purificado Jerusalém, visitará a soberba insolente do rei de Assur e o orgulho de seus olhos altivos; não sendo senão um instrumento em minha mão, ele se glorificou de seus êxitos e transpôs minhas ordens; eu lhe havia mandado castigar meu povo, e ele quis destruí-lo[1].

A história dos babilônios é a prova palpável da profecia. Tornam-se os judeus prevaricadores? Assur, sempre de pé, sempre de armas na mão, transpõe as fronteiras do povo culpado, fere-o com golpes redobrados e o força a quebrar seus ídolos e a voltar ao Deus de seus pais. Israel está corrigido; doravante não comprometerá mais o depósito que lhe é confiado; não cairá mais na idolatria. O formidável império de Babilônia, terror do Oriente, já não tem razão de ser; vai dar lugar ao império dos persas.

Havia setenta anos que os assírios tinham Israel prisioneiro em Babilônia; um cativeiro mais longo, se não o fizesse perecer, o teria exposto a confundir-se com os gentios, no meio dos quais vivia. Aliás, estava curado para sempre de sua inclinação ao culto dos ídolos. Chegou o tempo de reconduzi-lo à terra de seus pais, e Deus lhe suscita um libertador. Como fez servir a monarquia dos assírios à execução de sua justiça, escolhe os reis da Pérsia para serem os ministros de sua bondade. É ainda Isaías quem nos revela a missão providencial dessa segunda monarquia. Nomeando pelo nome, duzentos anos antes de seu nascimento, o fundador desse império: Sou eu, diz o Senhor, que escolhi Ciro para a execução de meu desígnio; tomá-lo-ei pela mão; diante dele quebrarei as portas de bronze e as barras de ferro; fá-lo-ei por causa de Jacó, meu servo. Reedificará minha cidade santa e deixará partir meus cativos sem receber resgate nem presentes[2].

Desde a primeira até a última, todas as páginas da história da monarquia dos persas são a verificação literal dessa espantosa profecia. Graças a Ciro e a seus sucessores, Jerusalém sai de suas ruínas; o templo que o Messias deve honrar com sua presença é reconstruído; os judeus, devolvidos à Judeia, ali serão mantidos com a distinção das tribos e das famílias até o dia em que o tronco de Jessé der sua divina flor.

Tendo o império dos persas cumprido sua missão, Deus o substitui pelo dos gregos. Essa nova monarquia, caracterizada pela rapidez e extensão das conquistas de Alexandre, tem por fim preparar de longe o estabelecimento rápido do reino universal do Messias. Daniel viu seu fundador lançar-se do Ocidente com tal rapidez que seus pés mal tocavam a terra. Viu-o estender ao longe suas conquistas e depois, subitamente detido pela morte, deixar seu império a seus generais, que o dividem em quatro monarquias[3].

Aqui, como alhures, a história não é senão o eco da profecia. Os gregos tornam vulgar, do poente à aurora, a língua em que o Evangelho deve ser pregado e atraem os judeus a todas as partes do mundo. Por guerras contínuas, põem as nações estrangeiras em contato com a nação santa, abaixam as barreiras seculares da Judeia e dão a conhecer aos gentios os livros sagrados, que a tradução dos Setenta põe a salvo das alterações judaicas. Tendo a monarquia dos gregos terminado sua obra, Deus a faz cair no vasto oceano do império romano.

A missão desse império, o último e o mais formidável de todos, está escrita neste retrato traçado por Daniel: Vi uma besta temível, que tinha algo de maravilhoso e de assustador; estava armada de dentes de ferro de horrível grandeza, devorava tudo; despedaçava tudo, triturava sob seus pés o que não devorava[4].

Essas poucas palavras do profeta contêm toda a filosofia da história romana. Não bastava que os judeus, preparadores evangélicos, estivessem, desde a passagem de Alexandre, espalhados no Oriente e no Ocidente; que a Europa, a África e a Ásia, entendendo a língua grega, pudessem ser instruídas sem dificuldade pelos mesmos homens; que a tradução do Antigo Testamento dispusesse para a leitura do Novo: era preciso ainda facilitar aos fundadores do império do Messias uma livre circulação de um extremo a outro do mundo; era preciso que o milagre da criação do homem se renovasse em sua regeneração, isto é, que o gênero humano não formasse senão um só corpo antes de ser animado por um só e mesmo espírito; era preciso, enfim, que, em conformidade com os oráculos dos profetas, o Messias nascesse em Belém.

Abrir por toda parte largos caminhos, apagar todas as nacionalidades, nivelar o solo, formar de todos os povos uma grande unidade material, reunindo-os sob um cetro único; depois, por motivo de vaidade ou de interesse, saber quantos milhões de cabeças estavam curvadas sob esse cetro e, para isso, forçar todos os súditos do império a dirigir-se um dia ao seu lugar de origem: tais eram, aos olhos mesmos da razão, os melhores meios de realizar o desígnio providencial.

Quando os romanos, obreiros do grande rei, quando os Césares, seus mestres de cerimônias, cumpriram sua tarefa, são quebrados como Nabucodonosor, como Alexandre. Seu império desmorona e dá lugar a esse outro império que Daniel viu formar-se sem nenhum socorro humano, estendendo-se sobre todos os outros reinos e subsistindo pelos séculos dos séculos[5].

Ora, se se considera que as quatro monarquias dos assírios, dos persas, dos gregos e dos romanos foram preparadas por essa multidão de acontecimentos, de guerras, de revoluções, de vitórias, de alianças, de conquistas que compõem toda a história conhecida do Oriente e do Ocidente durante os séculos anteriores ao Messias; se se considera que só atingiram suas vastas proporções absorvendo todos os outros impérios, vê-se claramente que essas quatro grandes monarquias levaram o mundo inteiro aos pés de Jesus Cristo, semelhantes a esses largos rios que conduzem ao

Oceano, com as águas de sua fonte, as de todos os rios tornados seus tributários. Assim é que a história sagrada e a história profana se reúnem para nos dar a prova palpável desta sublime palavra: que Jesus Cristo é o herdeiro de todas as coisas; que todos os séculos se referem a ele[6]; e que não somente a nação judaica, mas também todas as nações do globo, para servir-nos da expressão de Santo Agostinho, estavam grávidas dele[7].

Admirável filosofia da religião! que resume em três palavras a história universal de quarenta séculos: Tudo para o Cristo, o Cristo para o homem e o homem para Deus.

Notas

[1] Is 10, 5-12.

[2] Is 45.

[3] Dn 7, 6 ; 8, 5, 8.

[4] Dn 7, 7.

[5] Dn 11, 41.

[6] Hb 1, 2.

[7] Tota lex gravida erat Christo. — São Jerônimo diz o mesmo. Eis suas notáveis palavras: «Toda a economia do mundo visível ou invisível, seja antes, seja depois da criação, referia-se à vinda de Jesus Cristo à terra. A Cruz de Jesus Cristo, eis o centro a que tudo vem dar, o sumário de toda a história do mundo.» — Comment. sur les Épîtres de saint Paul.

Revision #1
Created 28 November 2026 17:11:15 by Admin
Updated 28 November 2026 17:11:15 by Admin